E agora, o que faço?! Como as tecnologias digitais me ajudaram a manter a actividade lectiva a distância e a não desesperar

Maria José Goulão[1]

Identificação das Unidades Curriculares

História da Arte I: 175 estudantes; História da Arte II: 174 estudantes; História da Arte III: 96 estudantes; Estudos de Arte Moderna e Contemporânea I: 88 estudantes; Seminário de Ciências da Arte (Turma 4LAP02): 31 estudantes. 1.º Ciclo. Anos lectivos de 2019-20 e 2020-21. Faculdade de Belas Artes. Docente/Regente: Maria José Goulão.

Contextualização e objetivos

O meu primeiro contacto com o núcleo das Tecnologias Educativas da Universidade do Porto (UP) ocorreu no já distante ano lectivo de 2007-2008. Recordo-me que o meu inter-

[1] FBAUP. *Email:* mmachado@fba.up.pt

locutor foi o Hugo Ribeiro, que se deslocou propositadamente à minha Faculdade para reunir comigo e me ajudou na adopção de novas estratégias pedagógicas, que incluíram a utilização da plataforma de *e-learning* posta à disposição dos docentes da UP, suprindo assim necessidades de contacto com os estudantes e de fornecimento de materiais de apoio pedagógico. A partir de 2008-2009, fui dos primeiros docentes da Faculdade de Belas Artes da UP (FBAUP) a usar o sistema de *e-learning* através das plataformas disponíveis na altura (Sistema de gestão de aprendizagem da Universidade do Porto/WebCT), quer na Faculdade de Ciências (para a leccionação da unidade curricular de *História da Arte* da Licenciatura em Arquitectura Paisagista), quer na FBAUP, e que posteriormente foi substituído pela actual plataforma MOODLE, que continuei a usar em todas as unidades curriculares (UC).

Apesar da minha total falta de aptidão e de conhecimentos no uso destes novos recursos informáticos, o certo é que rapidamente se revelaram de enorme utilidade: aos poucos, fui vencendo a minha natural inépcia e tentando adaptar-me, pois percebi que a produção de conteúdos pedagógicos e a gestão e partilha do repositório destes materiais digitalizados me facilitavam bastante as tarefas docentes. O meu contexto e circunstâncias são de alguma forma peculiares: tenho um elevadíssimo número de estudantes inscritos nas várias UC, duas delas comuns ao 1.º ano das várias licenciaturas da FBAUP. A isto somou-se, a certo ponto, a extinção da reprografia da Faculdade, onde normalmente os estudantes fa-

ziam fotocópias da bibliografia aconselhada, a necessidade de diminuir o desperdício de papel, adoptando uma atitude amiga do ambiente, bem como a dificuldade em disponibilizar a bibliografia de cada UC em formato convencional através da Biblioteca da FBAUP, em número de exemplares suficiente para servir turmas de quase 200 estudantes. Em algumas UC, como o *Seminário de Ciências da Arte*, esta bibliografia ascende a mais de sessenta referências, de forma a permitir a cada estudante uma escolha informada e personalizada dos temas a investigar. Devo salientar o papel fundamental da Carla Morais, na altura técnica da Biblioteca da FBAUP, que me deu uma ajuda imprescindível na digitalização dos livros e textos de apoio.

Assim, quando surgiu o contexto da pandemia, não se pode dizer que estivesse completamente desprevenida. Tinha um contacto esporádico com o Hugo Ribeiro, que todos os anos me ajudava na migração dos conteúdos e na actualização da plataforma MOODLE, onde tinha criado páginas para cada UC, e onde semestralmente disponibilizava aos estudantes os materiais de apoio pedagógico, nomeadamente todas as obras da bibliografia devidamente digitalizadas, acessíveis desta forma em formato *eBook*, em circuito fechado e protegido. Paralelamente, e com vista a uma gestão mais eficaz dos recursos fornecidos na plataforma de *e-learning*, havia já frequentado algumas acções de formação junto do então Gabinete de Apoio para as Novas Tecnologias da Educação da Universidade

do Porto (GATIUP), hoje Unidade de Inovação Educativa da UP. Tinha também elaborado, para meu uso exclusivo, um conjunto de mais de 30 apresentações em PowerPoint, algumas com mais de 100 imagens, devidamente legendadas, que são actualizadas e revistas anualmente, e que eram mostradas nas aulas presenciais, como forma de ilustrar os conteúdos programáticos leccionados.

Em Março de 2020, já em contexto de pandemia, e com o 2.º semestre iniciado, vi-me perante duas alternativas: manter o contacto com os estudantes através de *email* e ir fornecendo tarefas e trabalhos que substituíssem as aulas presenciais (entretanto interrompidas), ou dar o salto para as tecnologias digitais, optando decididamente pelo *e-learning*. Escolhi esta última opção, ciente de que tinha pela frente um grande desafio, mas não tenho hoje dúvidas de que foi a solução correcta, embora muito trabalhosa. Com efeito, na altura, nenhum de nós previa que o contexto de pandemia se prolongasse no tempo por dois anos, mas à distância vejo que fui avançando paulatinamente numa adaptação que comecei no 2.º semestre de 2019-20 e se prolonga até hoje, permitindo-me uma solução que, não sendo a ideal, é certamente mais útil, organizada e funcional do que o recurso improvisado à comunicação por *email* e a extinção pura e simples das aulas presenciais, sem oferta alternativa, que nunca seria viável a longo prazo, dado que desejava manter o contacto com os estudantes.

Modelo/Estratégia

No contexto da necessária adaptação ao regime de ensino a distância, e porque me sentia muito insegura na utilização destes recursos e na definição de estratégias pedagógicas novas, de Março a Junho de 2020 frequentei mais de 15 formações síncronas (*Webinars* de Apoio ao Ensino a Distância) do Portal de Tecnologias Educativas da UP. Devo dizer que estas formações se revelaram fundamentais na superação das dificuldades e receios que sentia, de tal maneira que todos os semestres, desde essa altura, procuro frequentar novos *webinars* ou repetir algumas formações que já tenha feito, de forma a recapitular e actualizar certos procedimentos. Gostava de louvar a forma clara e muito pragmática como estas formações são ministradas. Fundamental tem sido também o diálogo constante com o Hugo Ribeiro, a Isabel Martins, o Nuno Regadas e a Teresa Correia, entre outros, e o seu apoio permanente. Com efeito, sem eles teria sido impensável superar as dificuldades. Um aspecto que me deu bastante conforto foi saber que estavam disponíveis em permanência, nunca faltando a um pedido de ajuda, fosse por telefone, por *email*, ou através de sessões one to one usando o Zoom-Colibri. Com o seu apoio e conselhos, aventurei-me em percursos que nunca julgaria possíveis. Assim, ainda no 2.º se-

mestre de 2019-2020, comecei a gravar as minhas aulas teóricas, de duas horas semanais, da UC História da Arte II, usando o *software* Panopto, disponibilizado pela UP, em articulação com o Moodle. No ano lectivo seguinte (2020-2021), estendi esta gravação prévia das aulas a todas as restantes UC de carácter eminentemente teórico onde tal era possível e desejável (História da Arte I e III, Estudos de Arte Moderna e Contemporânea I), baseada na experiência adquirida no ano lectivo anterior. Insisto nesta questão porque, à distância, vejo este processo como uma acumulação de práticas e competências que se foram sedimentando, permitindo-me evoluir, embora, reconheço, com muitas falhas e lacunas. O facto de já ter toda a bibliografia de apoio de cada UC no Moodle, bem como os PowerPoints devidamente elaborados antes do início da pandemia, que usava nas aulas presenciais, permitiu-me maior facilidade na adopção de um modelo de ensino a distância. Mesmo assim, passei muitas horas por semana a gravar previamente as aulas de exposição teórica, destinadas a turmas de cerca de 80 a 180 alunos, consoante as UC. Essas gravações obrigaram-me a uma reorganização dos conteúdos, a escrever muitas páginas de texto com as minhas ideias para cada aula, que depois estudei previamente, antes de fazer cada gravação. Como tinha as minhas notas extensas para cada imagem directamente no PowerPoint, e deixei de ter acesso à "Vista do Apresentador" durante a gravação dos vídeos, foi necessário reescrever e imprimir muitas páginas de comentários, que usei como apoio para organizar o meu discurso

durante as gravações. Por vezes segui-as muito de perto, outras vezes, quase me esqueci da sua existência. Mas o simples facto de organizar essas notas extensas fez-me reflectir e estudar melhor as lições que queria transmitir. Às vezes, era penoso iniciar uma gravação, manter o entusiasmo e falar para um écran, sem audiência, durante várias horas por dia. Obviamente que o resultado não é perfeito. De cada vez que revejo um desses vídeos, fico frustradíssima com o magro resultado alcançado: descubro coisas de que não gosto, imprecisões, hesitações do discurso, até mesmo erros factuais, que foi preciso suprimir através da edição do vídeo.

A gravação e edição de vídeo é algo que não domino como gostaria; normalmente não faço qualquer edição posterior à gravação, apenas alguns pequeníssimos ajustes. As aulas presenciais, de duas ou de três horas, foram desdobradas em dois módulos de cerca de 50 a 75 minutos cada, respectivamente, e mesmo assim sei que é uma duração excessiva, quanto se trata de captar a atenção dos estudantes. No entanto, não consegui arranjar modo de concentrar ainda mais aulas, já de si bastante densas, nas quais são visionadas e comentadas dezenas de imagens (gravação do PowerPoint + captura da minha imagem). Apesar de tudo, diria que a História da Arte se dá relativamente bem com este veículo que é o vídeo, permitindo uma aula bastante estruturada, com um ritmo constante, menos "arrastada" do que eventualmente na sala de aulas convencional, onde acabam por surgir interrupções, comentários dos estudantes, desvios ao fio

condutor. Do ponto de vista dos estudantes, este modelo permite-lhes também ter um índice de cada aula organizado (as legendas do PowerPoint servem-lhe de base, sendo o índice gerado automaticamente na gravação de vídeo com Panopto). Uma virtualidade que agrada aos estudantes é o facto de poderem assistir a cada aula ao seu ritmo próprio, parando, voltando atrás, fazendo um intervalo entre os módulos, tirando as suas notas, o que se revelou particularmente útil para os que têm o estatuto de necessidades educativas especiais (EENE), nomeadamente alunos com perturbações cognitivas ou défice de atenção, que comentam com frequência que lhes é mais fácil acompanhar as aulas pré-gravadas.

Consegui organizar-me de forma a ter sempre as gravações das aulas prontas atempadamente, às vezes num ritmo difícil de manter, pois – não tenhamos ilusões – um vídeo de uma hora pode demorar um dia inteiro a preparar (e mesmo assim ficar frustrantemente muito aquém das nossas expectativas). Optei por ir disponibilizando os dois módulos de cada aula com pontualidade semanal no MOODLE/Panopto, respeitando sempre o horário da aula presencial, de forma a manter esse compromisso com os estudantes, obrigando-os também a uma regularidade no seu visionamento ou, pelo menos, tentando incentivá-los a essa disciplina. Assim, todas as semanas envio um *e-mail* a todos os estudantes, convidando-os a assistir à aula, e procuro juntar nesse *e-mail* mais alguma coisa extra-curricular: uma sugestão de leitura de um livro ou romance que considere interessante e tenha que ver com os temas da aula, mas que não se

enquadre na bibliografia de carácter científico, um documentário sobre um artista ou temática que tenham sido mencionados na aula, um *link* para uma notícia de jornal, um *site* ou recurso digital que considere apropriado, uma sugestão de uma série documental ou de ficção que sei que lhes pode interessar, por ter que ver com um tema abordado.

Outro aspecto que considero importante é o facto de as aulas em vídeo irem ficando disponíveis no Panopto, uma por semana, de forma que, no final do semestre, todas elas se encontram acessíveis em permanência, podendo os estudantes ver ou rever as que lhes interessam, até ao momento das avaliações. Assim, um estudante que tenha perdido uma aula no dia em que ela foi disponibilizada ou que se encontre doente (o que infelizmente aconteceu com alguma frequência no contexto de pandemia), pode sempre vê-la (ou revê-la) mais tarde. O Panopto permite também manter um arquivo pessoal de aulas disponível; neste momento, tenho 66 módulos gravados, respeitantes a 3 UC.

É evidente que o recurso ao Panopto e à gravação das aulas não supre o diálogo e o contacto personalizado com os estudantes. Tentando minimizar essa ausência, mantenho um fórum activo na página do MOODLE das várias UC, no qual cada estudante pode colocar um certo número de questões semanalmente, que são por mim respondidas por escrito, sendo que todos podem ver as perguntas e respostas uns dos outros. Também estou sempre disponível por *email*, usando-o com frequência para contactar com os estudantes. As primeiras

e últimas aulas do semestre são sempre síncronas, em *Webinar* Zoom, e nas turmas do 1.º ano, as maiores, com cerca de 180 estudantes, opto por dar uma parte significativa do programa em aulas síncronas, sendo que uso as gravações no Panopto, apenas para aulas com muitas imagens e conteúdos que necessitam de maior organização e clareza expositiva, menos sujeitos a discussão, questionamento ou diálogo. De uma forma geral, deixo claras certas regras que defino logo à partida, como um certo formalismo que pretendo ver respeitado *online*: peço pontualidade no acesso à sala de aulas virtual, e que estejam todos visíveis através de câmara vídeo, e deixo claro que gostaria que se comportassem da mesma maneira irrepreensível como se portariam nas nossas aulas presenciais na Aula Magna da FBAUP, o que significa estarem concentrados, reduzirem ao mínimo as interferências externas durante a minha exposição, e manter o mesmo aprumo e aparência que teríamos todos se estivéssemos em aula presencial. Aprendi também que é melhor manter o *chat* do Zoom desligado durante as aulas síncronas.

Outras questões complexas se colocaram, como a avaliação, que resolvi com recurso à modalidade de trabalho final com Turnitin, parametrizado na plataforma MOODLE, e com a duração limitada de cerca de duas horas e 15 minutos, realizado individualmente, ao mesmo tempo que estamos em ligação síncrona por Zoom. Não é uma solução perfeita, mas tem dado bons resultados. Os bons estudantes aplicam-se, escrevem bem, mostram que assistiram às aulas, reflectiram e le-

ram a bibliografia. A formatação e revisão que podem fazer dos seus trabalhos antes da entrega permite eliminar erros ortográficos e, do meu ponto de vista, a tarefa de avaliação fica suavizada pelo facto de todos os ensaios individuais poderem ser consultados em formato digital, o que evita ter de decifrar caligrafia ilegível, como acontecia frequentemente com o exame presencial convencional, manuscrito. Os comentários personalizados que deixo escritos em cada prova de exame, bem como todas as correcções efectuadas, ficam acessíveis a cada estudante, que pode também reler a sua prova quando desejar. Outra virtualidade que aproveito é a possibilidade de importar as classificações do MOODLE para o SIGARRA, o que, com turmas de centenas de alunos, se revelou muito prático e evita erros no lançamento das notas.

Resultados

Em jeito de balanço, não tenho dúvidas de que os recursos colocados à minha disposição pela Unidade de Inovação Educativa foram imprescindíveis para lidar com a situação criada pela pandemia, minorando a solidão e impreparação que senti de início. A consciência de que um grupo muito simpático e prestável de profissionais dedicados estava permanentemente na retaguarda para me ajudar deu-me o enquadramento e a confiança de que necessitava para avançar para novas soluções pedagógicas. Apesar de ter idade suficiente

para me lembrar muito bem de um tempo sem tecnologias digitais, reconheço a sua enorme utilidade: abriram-me portas e criaram-me pontes. Penso continuar a fazer delas um uso sensato, sempre que possível.

A autora não adopta o "Acordo Ortográfico" de 1990.